

O COMÉRCIO DO CIRCUITO INFERIOR E SUA ESTRUTURAÇÃO NO CENTRO DE FORTALEZA.

RESUMO

O centro de Fortaleza tornou-se o principal *locus* do comércio popular no estado do Ceará. A presença e a consolidação de tal atividade nessa área guardam relações estreitas com as transformações urbanas pelas quais a cidade passa. Destarte, embasar-se-á esta análise na teoria de Milton Santos, na qual o autor aborda os dois circuitos da economia urbana nos países não desenvolvidos – o circuito superior e circuito inferior. Levantamento documental em órgãos públicos de Fortaleza; trabalhos de campo; revisão bibliográfica constituíram processos importantes da pesquisa. Assim, atentamos para a necessidade de compreender a influência do comércio de rua na configuração espacial e econômica do Centro. Para o entendimento da consolidação do comércio típico do circuito inferior no Centro, tem-se a contribuição de Dantas (1995), que constrói uma análise a partir do processo de constituição da cidade moderna. Nas últimas décadas tornou-se preponderante a dinâmica do comércio de confecção destacando-se pelo caráter polarizador.

Palavras-chave: Centro. Comércio. Confeção. Economia.

RESUMEN

El centro de Fortaleza se convirtió en el lugar principal del comercio popular en el estado de Ceará. La presencia y la consolidación de dicha actividad en esta área mantienen una estrecha relación con las transformaciones urbanas que la ciudad va. Por lo tanto, basar-hasta este análisis en la teoría de Milton Santos, en la que el autor aborda los dos circuitos de la economía urbana en países subdesarrollados - el circuito superior y el circuito inferior. Encuesta Documental sobre las agencias públicas en Fortaleza; trabajo de campo; revisión de la literatura eran importantes procesos de investigación. Así, nos fijamos en la necesidad de comprender la influencia de la venta ambulante en la configuración espacial y económica del Centro. Para entender la consolidación del comercio típico del circuito inferior en el centro, está la contribución de Dantas (1995), que construye un análisis desde el establecimiento del proceso moderno de la ciudad. En las últimas décadas se ha convertido en la dinámica predominante del comercio de confección destaca por el carácter polarizante.

Palabras clave: Center. Comercio. Confección. Economía.

ABSTRACT

The center of Fortaleza became the main locus of popular trade in the state of Ceará. The presence and consolidation of such activity in this area keep close relations with the urban transformations that the city goes. Thus, to base-up to this analysis in the theory of Milton Santos, in which the author addresses the two circuits of the urban economy in undeveloped countries - the upper circuit and inferior circuit. Documentary survey on public agencies in Fortaleza; field work; literature review were important processes of research. So, we look at the need to understand the influence of street trading in spatial and economic configuration of the Centre. To understand the typical trade consolidation of the inferior circuit in the center, there is the contribution of Dantas (1995), which builds an analysis from the establishment of the modern city process. In recent decades it has become predominant dynamics of the Confection trade notable for polarizing character.

Keywords: Center. Trade. Confection. Economy.

Ms. Silva, Eciane Soares.
eciane.geo@hotmail.com
Pós-Graduação em Geografia
UFC – Doutorado.

INTRODUÇÃO

O centro da cidade de Fortaleza, ao longo dos anos, tornou-se o principal lócus do comércio popular de baixa produtividade e capitalização no estado do Ceará. Não há em nenhuma parte do estado outro local com a concentração e importância desse comércio do circuito inferior, mais especificamente o comércio de confecção e o comércio ambulante.

A presença e consolidação de tal atividade nessa área guardam relações estreitas com mudanças que abrangem desde as transformações macroeconômicas e os processos migratórios até as transformações urbanas pelas quais a cidade passa.

Para o entendimento básico da consolidação do comércio típico do circuito inferior no centro, a partir das transformações urbanas de Fortaleza, tem-se a contribuição de Dantas (1995), que constrói uma análise a partir da história da cidade, do processo de constituição da cidade moderna, considerando a reunião de condições espaciais propícias à sustentação do comércio ambulante no centro fortalezense.

A urbanização centralizadora, que caracteriza a cidade como monocêntrica, ou seja, concentradora de atividades econômicas, bem como de fluxos urbanos na área central, transformou o ritmo do Centro, modificado pela intensificação do comércio e dos serviços, incomodando, juntamente com a presença da classe de menor poder aquisitivo, a elite social da cidade. Dantas deixa bem claro a relevância desses fatores quando diz:

Torna-se necessário considerar o processo de transformação do centro em área prioritariamente comercial, prestadora de serviços e concentradora do poder. Esta especialização funcional, que tem peso no mercado de terras vai delinear a especulação imobiliária como motriz do processo de transferência residencial e da não entrada das classes de menor poder aquisitivo no perímetro central (DANTAS, 1995, p. 75).

Dessa forma, diante do processo de crescimento urbano, o Centro paulatinamente se transforma, adquire novas dinâmicas, refuncionaliza-se, e o comércio e os serviços vão ganhando força dentro desse novo cenário que se estrutura. Na década de setenta, novos processos urbanos foram importantes nessa reconfiguração pela qual o Centro passou, como as políticas de urbanização adotadas pelo poder público e o surgimento de novas centralidades que passaram a competir diretamente com o centro tradicional.

Nas últimas décadas o comércio popular adquiriu dinâmica diferenciada, na qual destaca-se a preponderância da venda de confecção. Estruturou-se um mercado de forte caráter regional. Sua abrangência ultrapassa os limites da região metropolitana alcançando outras regiões do país como Norte, Nordeste, Centro Oeste e Sudeste.

AS CONDIÇÕES SOCIOESPAIAIS PROPÍCIAS À CONSOLIDAÇÃO DO COMÉRCIO POPULAR.

Fortaleza passou por um processo de urbanização centralizador, onde a monocentralidade, reforçada por um sistema viário radiocêntrico o qual norteou seu processo de consolidação como área hegemônica (DANTAS, 1995), levou a um constante fluxo de pessoas em direção ao centro da cidade.

É nesse contexto de urbanização centralizadora que Dantas (1995, p. 53) atenta para uma mudança preponderante para o entendimento do desenrolar do processo aqui analisado, “[...] a transformação do ‘locus’ do encontro e da festa em ‘locus’ do consumo”, acrescentando que “[...] esta centralidade deixa de vincular-se à percepção prático-sensível (relacionada às exigências éticas e estéticas dos moradores do centro) dos indivíduos e passa a ligar-se à especialização funcional”. Ou seja, um novo cenário urbano vem paulatinamente se estruturando, onde terá destaque a função comercial em detrimento de outras que preponderavam no Centro (como lazer e habitação), mudando inclusive o ritmo do bairro.

De tal modo, que intensifica-se a presença da população de menor poder aquisitivo no centro, ampliando o fluxo de “transeuntes e consumidores” em busca do consumo que muitas vezes só será possível através do comércio do circuito inferior, de tal forma que a população menos abastada será viabilizadora do “comércio de rua”, constituindo seu “público base” (DANTAS, 1995).

A intensificação desse tipo de comércio nas ruas e logradouros do Centro levou o Estado a intervir no uso do espaço público pelos trabalhadores ditos informais. O poder público municipal disciplinou esse uso somente na década de trinta, através de decreto. Acerca das ações do poder público nesse período, Dantas (1995, p. 84) assim se posiciona: “Este tratamento e perseguição ocorrem de maneira violenta, com a destruição e/ou apreensão da mercadoria vendida pelo comerciante ambulante, seguida em alguns casos de agressão física e/ou moral”.

Na atualidade, a forma de controlar esse comércio popular não é diferente, o que resulta em constantes conflitos entre trabalhadores desse comércio e o poder público municipal. Nos últimos anos, na busca por “regulamentar, disciplinar e organizar a atividade do comércio ambulante no Centro”, vários conflitos ocorreram, destacando-se a luta dos feirantes da Feira da Sé para permanecerem na área do Centro, em 2008, e a dos permissionários do Beco da Poeira, em 2010, no processo de transferência para outro local. Esses dois locais são os mais importantes pontos de concentração de comércio de confecção do Centro e serão analisados a frente.

Torna-se relevante analisar outras intervenções municipais importantes para o entendimento do recente quadro de ocupação espacial do comércio de confecção e ambulante no centro de Fortaleza, contando novamente com a colaboração de Dantas (1995). Segundo o autor, o poder público, nos anos setenta, passa a adotar políticas de urbanização no Centro, as quais tiveram implicações diretas na espacialização desse comércio local, intervenções essas beneficiadoras da circulação de pedestres, do livre fluxo de transeuntes.

Tal postura do poder público remete ao trabalho de Vargas e Castilho, em que se discutem os processos de intervenção nos centros urbanos, mais especificamente durante a “Renovação Urbana”, entre os anos de 1950 e 1970, período no qual se assume a preferência pelo novo, “demolir e reconstruir seria o propósito daquela geração”, tendo reflexos diferenciados nas cidades americanas e europeias. Nesse período, uma das estratégias adotadas foi privilegiar o fluxo de pedestres, como apresenta os autores:

[...] estratégias de recuperação das áreas centrais basearam-se no conceito de uso exclusivo de pedestres nas principais ruas de compras, como se os problemas enfrentados pelo comércio estivessem relacionados à dificuldade de deslocamento a pé. No período entre 1957 e 1962, cerca de cinquenta cidades tentaram recuperar o comércio fechando suas ruas para o uso exclusivo dos pedestres, processo este que continuou na década de 1970 (VARGAS e CASTILHO, 2006, p. 11).

Essa estratégia posteriormente foi considerada um equívoco, tendo recebido inúmeras críticas, mas a estratégia influenciou muitas cidades brasileiras. No caso do centro de Fortaleza, o projeto de urbanização Novo Centro retrata as intervenções que o estado realizou nesse contexto da década de setenta, quando o carro e o comércio informal foram considerados os maiores problemas da área central, pois as ruas passam a ser utilizadas pelo automóvel e as calçadas são disputadas com esse comércio.

No projeto Novo Centro, importantes ações tiveram reflexos diretos no comércio do circuito inferior nas ruas e nos logradouros do Centro. A construção dos calçadões (ruas-jardins) nas ruas Guilherme Rocha e Liberato Barroso teve por objetivo privilegiar o fluxo de pedestres e impedir a concentração do comércio informal. Agrega-se a essa ação a estruturação de um sistema de transporte coletivo (com a instalação de terminais nas praças

do Centro) que visava diminuir “dificuldades e desconforto” causados ao pedestre pelo fluxo de automóveis. Sobre isso, Dantas esclarece:

A construção das ruas-jardins e o estabelecimento de terminais de ônibus fizeram do centro uma área com predominância de fluxo para pedestres, e é este tipo de fluxo uma das condições para a expansão do comércio ambulante. Contraditoriamente, tal intervenção, embora consiga amenizar o problema relativo ao fluxo de automóveis, não conseguiu controlar o comércio ambulante (DANTAS, 1995, p. 120).

Como se percebe, a estratégia dos projetos de urbanização, de controle do comércio informal e da valorização do pedestre, surtiu efeito contrário, visto essa atividade comercial ter-se aproveitado do constante fluxo de pessoas.

O comércio informal foi beneficiado pelas ruas-jardins e pelos terminais de ônibus instalados nas praças, tendo se expandido maciçamente nas ruas Guilherme Rocha e Liberato Barroso bem como nas praças e em seu entorno, consolidando ainda mais sua presença, garantida pelas estratégias dos seus trabalhadores que suplantaram as várias ações do poder público permanecendo e modificando os espaços nos quais se inseriram.

Essa atividade presente no centro da cidade desde o século XIX transforma a rua, espaço de fruição, em lócus de comércio, apropriando-se dos espaços públicos para a troca, para o consumo e para a reprodução, principalmente daqueles que não conseguiram ou não desejaram estar inseridos em uma economia dita formal. Essa evidência reforça a discussão que Dantas (1995) desenvolve sobre os espaços públicos do centro fortalezense.

Como se pode depreender, o comércio típico do circuito inferior, que se desenvolve nas ruas e nos logradouros das grandes metrópoles, é uma modalidade importante para a população pobre que não consegue inserir-se no circuito superior da economia, poupador de mão de obra e detentor de altas tecnologias.

Na década de 1970, evidencia-se a lógica diferenciada na estruturação urbana da cidade – o processo de consolidação de outras centralidades, como os bairros Aldeota e Montese, numa competição com o Centro Tradicional que se reconfigura, ocorrendo uma mudança no perfil dos seus principais usuários. De início, a Aldeota e o Montese foram escolhidos como novos locais de moradia na cidade, sucedendo paulatinamente a estruturação e consolidação de infraestrutura de comércio e serviços, antes só encontrados no Centro Tradicional.

Parangaba e Messejana também ganham destaque na malha urbana da cidade como novas centralidades que oferecem – além de localização estratégica – serviços, comércio e equipamentos que consolidaram sua estruturação no cenário da capital.

Dessa forma, esses bairros caracterizaram-se como novas centralidades, capazes de atender as necessidades de seus moradores, evitando, assim, o deslocamento deles ao Centro Tradicional. Tal processo incidiu nas grandes cidades principalmente a partir da segunda metade do século XX, entrando em pauta nas discussões dos pesquisadores das questões urbanas.

Corrêa (1995, p. 46), ao discutir a descentralização, indica que esse processo está associado ao crescimento demográfico e espacial das cidades, fator relevante no processo de crescimento urbano de Fortaleza. Esse processo de descentralização seria viabilizado, como enfatiza o citado autor, pelo advento de transportes mais flexíveis “[...] como ônibus, caminhão e automóveis, não presos a trilhos”. O autor ainda aponta para a importância dos interesses dos agentes produtores do espaço, como os proprietários fundiários e os promotores imobiliários.

Nesse contexto, o processo de “degradação” dos centros tradicionais das cidades é ponto de preocupação desde meados do século XX. Entre os motivos que desencadearam tal processo está o surgimento de outras centralidades que competem com o centro histórico, o

qual, para alguns pesquisadores, entra em processo de “decadência”. Acerca dessa discussão, Vargas e Castilho acrescentam:

Esse processo de deterioração/degradação intensifica-se após os anos de 1950, causado, fundamentalmente, pelo crescimento e expansão do espaço urbano. Ao mesmo tempo em que os centros congestionam-se pela intensidade de suas atividades, amplia-se a concorrência de outros locais mais interessantes para morar e viver (VARGAS e CASTILHO, 2006, p. 2).

Essa desconcentração que passa a ocorrer seria o padrão de reestruturação do espaço característico do capitalismo tardio, procedente da reestruturação produtiva com base na descentralização em escala mundial (FERNANDES, 2004, p. 75). Ou seja, “[...] a forma fenomenal de espaço correlata do capitalismo tardio é a metrópole desconcentrada” (GOTTIDIENER, 1997, p. 81).

Silva e Lopes (2006, p. 163) complementam essa análise ao afirmar que esse processo foi ocasionado por transformações no regime de acumulação capitalista, permitindo, dessa forma, o “[...] surgimento de uma nova forma urbana mais dispersa, descentralizada e desconcentrada”.

A cidade passa, pois, a caracterizar-se como policêntrica. Gonçalves, referindo-se a tal fenômeno na capital cearense, expõe:

Fortaleza caracterizar-se-á a partir da década de 1970 pela expansão do seu tecido urbano de forma intensa, mas descontínua, seus espaços se redefinem. Ao invés de aglomerações urbanas que designam contiguidade e adensamento populacional de infraestrutura e equipamentos, produzem-se largas tramas urbanas que se definem por uma estruturação polinucleada, ou seja, formação de novas áreas comerciais [...] (GONÇALVES, 2009, p. 39).

Nesse contexto, a fragmentação, “[...] conceito referente à complexa divisão do trabalho no interior da metrópole quando ela se reestrutura e se refuncionaliza”, ocorre quando o centro tradicional, que ao longo de sua estruturação se caracterizou como monocêntrico, ou seja, concentrador de funções, não conseguiu mais atender as demandas urbanas que surgiram (SILVA, 2008).

Acerca da policentralidade, Dantas (2009, p. 215) diz ser “[...] uma tendência posta à cidade moderna, o que implicará numa nova centralidade, a partir do momento em que o centro irá manter relações diferenciadas com os novos centros e o restante da estrutura urbana”.

Nessa conjuntura, o centro de Fortaleza tem sua funcionalidade modificada, ocorrendo o fortalecimento de “[...] atividades comerciais e de serviços voltados para o atendimento da demanda das classes de menor poder aquisitivo” (DANTAS, 1995, p. 93). Tal fator foi desencadeado a partir da migração de serviço e funções, iniciada em meados do século XX, e, ao longo desse período, o bairro deixou de constituir-se em local de lazer e moradia das elites locais, especializando-se na função de comércio (principalmente o popular) e de serviços. Essa redefinição do Centro em relação à estruturação urbana da cidade (DANTAS, 1995) foi denominada por Silva (1992) como a conversão do Centro Tradicional em centro da periferia.

O Centro Tradicional, embora imerso em uma cidade policêntrica, ainda possui importante significado, sobretudo no que diz respeito ao comércio voltado principalmente para uma população menos abastada (DANTAS, 1995). Assim, há uma intensa produção do espaço urbano ligada a uma dinâmica da economia urbana mais especificamente aos circuitos superior e inferior da economia (SANTOS, 2008) os quais permitem entender a organização espacial do Centro na atualidade.

Diante de tais mudanças, o Centro se reconfigura ganhando paulatinamente novas vertentes de destaque, tornando-se polo de atração de parcela da população metropolitana que encontra no local o atendimento dos seus anseios. Dessa forma, a importância do Centro se faz sentir na educação, na saúde, no comércio, nos serviços, e, nos últimos anos, o lazer e a habitação voltaram a crescer no bairro.

A partir do que foi exposto, destaca-se, dentro do cenário metropolitano e regional, o Centro Tradicional da cidade de Fortaleza que, ao longo dos anos, passou por várias transformações e se refuncionalizou, mas manteve-se como ponto polarizador e centralizador.

O COMÉRCIO: FORÇA QUE DINAMIZA O CENTRO DE FORTALEZA.

A importância do comércio no desenvolvimento das cidades é fato analisado por vários pesquisadores. Huberman (1986, p. 26) aponta como efeito do aumento comercial o crescimento das cidades. Outros autores também contribuem no entendimento da importante relação entre comércio e cidade:

As relações entre comércio e cidade perdem-se no tempo. Se nem todas as cidades são “filhas do comércio”, como propôs o historiador Henri Pirenne, em nenhuma civilização a vida urbana floresceu sem a presença das trocas. O comércio faz parte da razão de ser da cidade. Viabiliza sua existência, explica a sua organização e justifica muito do movimento e animação que nesta acontece. Por meio do comércio e dos lugares onde este se exerce, as pessoas satisfazem necessidades, realizam desejos, vinculam-se informações, difundem-se inovações, criam-se laços de sociabilidade (SALGUEIRO e CACHINHO, 2009, p. 9-10).

O comércio torna-se, dessa forma, uma das principais forças que anima a dinâmica urbana. Nessa perspectiva, os centros urbanos são locais privilegiados para a fixação da atividade comercial, bem como de outras funcionalidades como lazer, moradia e serviços.

Cleps (2004, p. 128), em seus estudos a respeito da relação entre cidade e comércio, salienta que “[...] a urbanização foi importante instrumento para ampliar a capacidade do comércio, pois, à medida que a cidade se expandia, criavam-se novos tipos de estabelecimentos comerciais, ou seja, novas centralidades”.

Tais colocações demonstram a dinâmica da citada relação cidade-comércio, que ocasiona significativas transformações no espaço urbano. A descentralização comercial mencionada por Cleps adquire, no caso do Centro Tradicional de Fortaleza, moldes singulares. Tendo em vista que mesmo com a descentralização comercial, ou seja, com o surgimento de novas centralidades de importância econômica para a cidade, o comércio do Centro mantém-se preponderante dentro do cenário da capital.

Nesse sentido, o centro da cidade evidencia-se como local onde o comércio se fez preponderante tanto no passado da estruturação urbana como no presente, fortalecendo a vivacidade do Centro Tradicional e possibilitando um mosaico de relações sociais, expressando bem as palavras de Huberman (1986, p. 28) quando diz que “[...] o comércio por sua própria natureza é dinâmico, mutável e resistente às barreiras”.

A dinâmica socioespacial do comércio fortalezense é marcante pela variedade, área de influência e energia das relações que se realizam em torno dele. O entendimento dos reflexos dessa dinâmica comercial no espaço do Centro pode ser apreendido levando em consideração a economia urbana da cidade, a partir dos circuitos superior e inferior da economia, ambos fruto do atual processo de modernização.

Dessa forma, é possível identificar, no centro de Fortaleza, a existência e articulação dos dois circuitos da economia urbana no espaço, evidenciando-se a forte presença de atividades de baixa produtividade ligadas ao circuito inferior da economia, das quais terá destaque no presente trabalho a atividade do comércio de confecção.

Para entender as dinâmicas da área de estudo, no caso o centro da cidade de Fortaleza, torna-se necessário conhecer a atual configuração desse espaço sob uma perspectiva da relação entre os circuitos da economia urbana. Assim, não é objetivo aqui aprofundar a análise sobre o circuito superior no centro, mas apenas registrar seus efeitos no comércio e sua relação com o comércio de confecção, ponto importante do trabalho.

No centro de Fortaleza esse comércio moderno, representado pelas grandes redes de loja, é significativo. Essa atividade, juntamente com os serviços e o comércio de pequeno porte, característico do circuito inferior, bem como com os órgãos públicos, contribui para destacar o Centro como o maior gerador de empregos formais na cidade.

Ao considerarmos o comércio, tanto o característico do circuito superior quanto o do inferior, especificamente o comércio legalmente estabelecido¹, percebe-se que sua significação dentro do contexto econômico da capital é indiscutível. Dados² da Secretaria de Desenvolvimento Econômico (SDE) de Fortaleza fornecem um panorama do papel do comércio presente no centro da cidade.

A força comercial do centro da cidade torna-se evidente na Tabela 1, quando se analisa a reprodução de empregos formais nas principais centralidades da cidade. O Centro concentra 68.490 (do total de 496. 545 de empregos formais gerados na cidade de Fortaleza no ano de 2005), seguido pelos bairros Meireles e Aldeota que representam 33.836 e 24.487 respectivamente.

Tabela 1 – Principais centralidades e estoque de empregos de acordo com os setores de atividades

BAIRRO	SUBSETORES DE ATIVIDADE						TOTAL
	Comércio	Serviços	Adm. Publ.	C.Civil	Ind.	Agrop.	
Aldeota	3.605	15.405	1.535	2.357	1.442	143	24.487
Centro	22.228	29.805	10.537	1.272	4.280	368	68.490
Cocó	4.935	7.232	4.573	648	899	09	18.296
Meireles	4.244	21.329	4.117	2.819	1.253	74	33.836
Messejana	5040	6.299	—	1.059	4.655	561	17.614
Parangaba	2.540	6.034	5.954	250	2.954	12	17.744
Fonte: Adaptado dados SDE de Fortaleza (MTE/RAIS)/2005							

Destacam-se nos três bairros os setores de comércio e de serviço, contudo o que chama a atenção é a preponderância do Centro em relação aos outros bairros, demonstrando que, apesar das transformações urbanas ocorridas ao longo do tempo, o Centro não perdeu sua primazia comercial.

Outro dado que aponta a superioridade econômica (no que concerne ao comércio e aos serviços) do Centro dentro dos cenários municipal e estadual é quando se considera a arrecadação do Imposto sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias e sobre Prestação de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação (ICMS), pois o Centro é o segundo maior arrecadador do estado do Ceará, ficando atrás apenas do Distrito Industrial de Maracanaú. A Tabela 2, abaixo, apresenta os dados dos maiores arrecadadores do estado.

¹ Entendemos que toda atividade dita informal faz parte do circuito inferior, no entanto nem toda atividade do circuito do inferior pode ser considerada informal.

² Os dados coletados junto à SDE são fruto da última pesquisa realizada pela PMF em 2005, não existindo, segundo essa secretaria, dados mais recentes.

Tabela 2 – Maiores arrecadadores de ICMS do estado do Ceará

ICMS do Centro e Cidades do Ceará	
Maracanaú	347,2 milhões
Centro de Fortaleza	216,6 milhões
Caucaia	211,9 milhões
Sobral	145,3 milhões
Juazeiro do Norte	87,7 milhões
Fonte: Diário do Nordeste. Blog do Egídio Serpa publicado em 27.09. 2011.	

O comércio caracteriza-se pela venda a varejo, no circuito superior da economia, destacam-se lojas de eletrodomésticos, como as Casas Bahia, a Insinuante, a Rabelo, o Magazine Luíza, algumas possuindo sede em toda a região Nordeste ou em todo o país, e com sedes no centro da cidade de Fortaleza. Grandes lojas de vestuário, como Marisa, C&A, Riachuelo, também estão presentes no Centro, assim como conhecidas lojas especializadas em informática, como a Ibyte.

Para se ter uma ideia da abrangência de algumas dessas redes de lojas, as Casas Bahia, por exemplo, possui mais de 650 filiais distribuídas em 18 estados brasileiros mais o Distrito Federal. No estado do Ceará já são quatorze filiais, das quais quatro se encontram no centro de Fortaleza. Já a Ibyte está presente em cinco estados da região Nordeste (Maranhão, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Ceará), com 28 filiais, das quais 16 estão no Ceará, três delas situadas no centro da cidade.

É perceptível como essas redes de lojas, nos últimos anos, vêm adotando estratégias que vão desde a abertura de várias sedes no centro da cidade até a utilização de cartões próprios de financiamento de compras. A rede de lojas C&A, por exemplo, é ligada ao Banco Ibi, que oferece empréstimos e seguros, além de cartões de crédito de várias bandeiras, demonstrando importante articulação. De acordo com Silveira,

De modo geral, tanto as empresas comerciais como as financeiras instalam-se nas áreas de diversidade da metrópole (Silveira, 2004), isto é, em lugares de importante circulação, nos quais os circuitos de diversos ramos se entrecruzam e criam um mercado segmentado (SILVEIRA, 2009, p. 69).

A autora acrescenta que

[...] não são apenas as áreas modernas do tecido urbano ou aquelas a serem modernizadas que interessam aos agentes do circuito superior, mas também crescentemente as áreas que concentram um consumo popular sempre renovado ao sabor da propaganda e do crédito (SILVEIRA, 2011, p. 17).

É importante ressaltar que juntamente com o comércio discutido acima encontram-se dados de comércio e de serviços de baixa capitalização como, por exemplo, pequenas lojas de venda de roupas, lanchonetes, entre outros estabelecimentos. A propósito, Montenegro aponta:

Apesar do processo de reestruturação pelo qual vem passando o comércio varejista brasileiro nos últimos anos, com a entrada de grandes grupos internacionais e da expansão das grandes redes já instaladas, verifica-se que o número de pequenos

estabelecimentos de varejo tradicional não tem diminuído (MONTENEGRO, 2006, p. 34).

Assim sendo, o quadro acima apresentado reflete e reforça o destaque que tem o comércio na economia urbana do centro de Fortaleza, com dinâmica que integra o Centro com a região metropolitana, ampliando relações para além desse limite.

Nota-se que mesmo com a concentração de atividades na área central da cidade não é identificada uma homogeneização desse espaço; pelo contrário, o centro de Fortaleza é heterogêneo, com dinâmicas singulares que configuram um mosaico de relações socioespaciais complexas. Como afirma Montessoro, destaca-se :

[...] o centro como elemento importante para o estabelecimento de novas formas comerciais e espaciais, com destaque para a (re)afirmação da centralidade urbana decorrente dos usos do espaço pelas ações do setor terciário de um modo geral, englobando formais e informais [...] (MONTESSORO, 2006, p. 118).

E nesse contexto da área central, de sua estruturação urbana e atual perfil, destaca-se, para aprofundamento da análise deste trabalho, o comércio popular de confecção que, ao longo dos anos, se fortalece, tirando proveito do grande fluxo de transeuntes, corroborando com o pensamento de Montessoro (2006, p. 118), quando a autora apresenta que “[...] o centro das cidades cria e é condição de um ambiente que permite a constituição de novos espaços de consumo atrelados aos camelôs e ambulantes”.

O COMÉRCIO DE CONFECÇÃO E SEU CARÁTER REGIONAL.

O comércio de confecção no centro de Fortaleza encontra-se inserido em lógica de construção e consolidação de territórios, nos quais são travadas intensas relações de poder, não apenas estatal, regulador, mas também outras formas de poder, como as que emanam, por exemplo, da escala cotidiana circunscrita a uma pequena área de ação (ITIKAWA, 2006). A autora expõe: “No comércio Informal de rua não há um sujeito da dominação – uma classe ou instituição, mas a dispersão anônima do exercício do poder no espaço” (ITIKAWA, 2006).

Nesse contexto, destacamos os territórios³ do comércio de confecção do centro de Fortaleza: O Beco da Poeira e a Feira da Sé. O significado dos mesmos para economia urbana da cidade revela-se desde o contingente de trabalhadores envolvidos no circuito de venda e produção de confecção até o raio de abrangência que os mesmos alcançam.

A força do comércio de confecção do centro fortalezense é significativa no cenário nacional, e adquire caráter polarizador, destacando-se as dinâmicas econômicas e socioespaciais, que alcançam um público nacional e internacional.

Tanto o Beco da Poeira como a Feira da Sé registram a presença de compradores que provêm da Região Metropolitana de Fortaleza, de municípios interioranos e de outros estados do Brasil.

Em trabalho de campo realizado no Beco da Poeira, os comerciantes foram perguntados sobre a procedência dos clientes, e as respostas apontaram uma presença significativa de pessoas de outros estados – Maranhão, Rio Grande do Norte, Bahia, Piauí,

³ Ressaltamos que nos últimos anos vem estruturando-se um terceiro território do comércio de confecção no centro de Fortaleza o “Esqueleto”. Localizado nas proximidades do antigo Beco da Poeira (onde hoje se encontra a estação do metrô de Fortaleza), sua história está diretamente ligada à do Beco, transferido de local em 2010.

Paraíba, Maceió, Recife, Brasília, Goiás, Amazonas, Amapá, Rondônia, Roraima, Tocantins – e de cidades do interior como Sobral, Tianguá, Guaraciaba do Norte⁴, entre outras.

Quanto à Feira da Sé, seu raio de influência chama a atenção pela proporção que tomou nos últimos anos, tendo recebido, segundo dados da Prefeitura Municipal de Fortaleza, um grande contingente de compradores, principalmente sacoleiras, provenientes das regiões Norte (Belém, Manaus); Nordeste (Teresina, São Luís, Natal, João Pessoa, Maceió, Recife, Salvador); Centro-Oeste (Brasília); Sudeste (São Paulo)⁵. É relevante destacar também a presença de compradores de outros países como Suriname, Cabo Verde e Guiana Francesa. A Tabela abaixo mostra o raio de influência da Feira da Sé.

Tabela 3 – Destino das vendas dos ambulantes da Feira da Sé

DESTINO	F. RELATIVA	DESTINO	F. RELATIVA
Fortaleza	31,8	Brasília	1,8
São Luís – MA	22,0	João Pessoa – PB	1,7
Belém – PA	21,6	Manaus – AM	1,0
Natal – R.N	18,1	Maceió – AL	0,7
Teresina – PI	13,4	Cabo Verde – África	0,3
Recife – PE	8,6	Interior do Ceará	8,2
Salvador – BA	4,2	Outros Estados	8,0
São Paulo	3,5	Não informou	4,6
Fonte: SDE/2006.			

A quantidade de ônibus que saem das cidades acima mencionadas - cerca de 120 nas datas comemorativas - em direção ao centro de Fortaleza ratifica o caráter polarizador que a Feira da Sé possui.

Dessa forma, o comércio de confecção é importante para a economia urbana da cidade, sendo capaz de atrair grande contingente de pessoas que se deslocam em função da atratividade que esse comércio vem exercendo no cenário nacional e internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Aponta-se que o fortalecimento do circuito inferior do centro de Fortaleza principalmente nas últimas décadas está intimamente ligado ao comércio de confecção, destacando a dinâmica socioespacial de dois locais símbolos dessa atividade na capital cearense: O Beco da Poeira e a Feira da Sé.

Esses locais modificam de forma efêmera ou permanente a área central onde se inserem e possuem importante dinâmica, dá vida ao Centro, num mosaico de sons, cheiros e movimento de pessoas e mercadorias durante todo o dia e também nas madrugadas de alguns dias da semana.

Destarte, não se pode negligenciar, contudo, a importância do comércio de confecção na economia urbana da cidade de Fortaleza, gerando um expressivo número de empregos indiretos que vão desde a produção da mercadoria até a sua comercialização dinamizando o comércio formal como as lojas de tecidos, os hotéis e os restaurantes do centro da cidade.

Conclui-se que o comércio de confecção do centro de Fortaleza tornou-se de extrema importância para a economia da cidade, apresentando caráter polarizador não só na RMF, mas

⁴ Fonte: Pesquisa Direta.

⁵ Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza/ Secretaria Regional do Centro.

também em diversos estados e outras regiões do país, exercendo, portanto, influência sobre os trabalhadores e o comércio de outras localidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995. 94p.
- DANTAS, E. W. C. O centro de Fortaleza na Contemporaneidade. In: DANTAS, E. W. C.; SILVA, J. B. da; COSTA, M. C. L. (orgs). **De cidade à metrópole: (trans) formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- _____. **Comércio Ambulante no Centro de Fortaleza/CE (1975 a 1995)**. 1995. 218 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - FFLCH/USP, São Paulo, 1995.
- FERNANDES, F.R.C. As transformações espaciais e ambientais na área central de Fortaleza: uma análise das suas perspectivas de renovação urbana. Dissertação de mestrado. PRODEMA. Universidade Federal do Ceará. 2004.234p.
- GONÇALVES, T. E. **Labirintos da Modernidade Urbana: North Shopping na produção de uma nova centralidade em Fortaleza - CE**. 2009. 173f. Dissertação (Programa de pós-Graduação em Geografia) UFC, 2009.
- GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1997.
- HUBERMAN, L. **História da Riqueza do Homem**. 21º ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.
- ITIKAWA, L.F. **Trabalho Informal nos espaços públicos no centro de São Paulo: pensando parâmetros para políticas públicas**. 2006.554f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- LOPES, F. C.R.; SILVA, J. B. A centralidade da Parangaba como produto da fragmentação de Fortaleza (CE). In: SILVA, J. B.; et al. (orgs.). **Litoral e Sertão: natureza e sociedade no nordeste brasileiro**. Expressão Gráfica, 2006.
- MONTENEGRO, M. R. **O circuito inferior da economia urbana na cidade de São Paulo no período da globalização**. 2006, 205f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - FFLCH/USP, São Paulo, 2006.
- MONTESSORO, C. C. L.. **Centralidade urbana e comércio informal: os novos espaços de consumo no centro de Anápolis-GO**. 2006. 384f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia). Faculdade de ciências e tecnologia. Presidente Prudente, 2006.
- SANTOS, M. **O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2. ed. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: F. ALVES, 2008.
- SILVA, J.B. **Quando os incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza**. Fortaleza: Multigraf, 1992.
- _____. O mercado de trabalho e a cidade brasileira. In: VALENÇA. M.M. (org). **Cidade (i) legal**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.
- SILVEIRA, M. L. Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 22, n. 55, p. 65-76, Jan./Abr. 2009.
- _____. Globalización y circuitos de la economía urbana en ciudades brasileñas. **Cuadernos del Cendes**. Caracas, v. 21 n.57, p.1-21, set. 2004. Disponível em: < www.scielo.org.ve/scielo.php > Acesso em: 25.04.13
- VARGAS, H.C; CASTILHO, A.L.H. Intervenções em Centros Urbanos: objetivos, estratégias e resultados. São Paulo: Manole, 2006.280p.